

NARRATIVA DIASPÓRICA E POSICIONAMENTO POLÍTICO NA RELAÇÃO ENTRE OCIDENTE E ORIENTE

Loiva Salete Vogt (UFRGS)¹

Resumo: O presente artigo analisa uma obra ficcional do período Pós Onze de Setembro publicada nos Estados Unidos por um autor proveniente do Afeganistão, país predominantemente islâmico, marcado pelo impacto da chamada “guerra contra o terror”. O propósito é atentar para as construções imagéticas de personagens no romance *The Kite Runner* (2003) de Khaled Hosseini, observando como as soluções narrativas inscrevem posicionamentos políticos e, assim, ratificam binarismos de gênero, etnia e classe social. A obra atende a uma agenda política que projeta a supremacia americana e retrata o Oriente Médio como tribal e arcaico, em oposição ao Ocidente através de um informante nativo.
Palavras-chave: Oriente Médio; Literatura Americana; Pós-colonial

O Caçador de Pipas e o Onze de Setembro

A obra *The Kite Runner* (2003) escrita pelo médico e romancista Khaled Hosseini desperta a curiosidade de leitores sobre um país aparentemente devastado pela guerra e terrorismo. O Afeganistão é apresentado através da mídia para nós, brasileiros, como um local inóspito e arcaico, dominado por grupos terroristas. Hosseini possui dupla nacionalidade, afegão e americano. Projeta-se no universo literário com o lançamento de seu primeiro livro, poucos anos após a queda das Torres Gêmeas em Nova Iorque. O acontecimento traumático instaura uma grande curiosidade do público leitor a respeito da vida no Oriente Médio. A publicação de seu livro destaca seu nome e o fato de ser um informante nativo, alguém que pode, através da criação de um universo ficcional, nos levar a um encontro com uma projeção desse outro oriental.

Traduzido para mais de quarenta línguas, **O Caçador de Pipas** (2003), como ficou conhecido em língua portuguesa, encantou leitores com a dramática história de dois meninos afegãos. Pertencendo a etnias e classes sociais diferentes, eles têm suas vidas moldadas por seus pertencimentos culturais de gênero, etnia e classe social em um universo patriarcal.

¹ Mestre em Literatura de Língua Inglesa, doutoranda do programa de pós-graduação em Literatura (UFRGS), sob orientação da professora doutora Rita Terezinha Schmidt e docente do Instituto Federal do Rio Grande do Sul- Câmpus Feliz (IFRS- Fomento Interno). Contato: loiva.vogt@feliz.ifrs.edu.br

O livro foi levado para as telas do cinema em 2007. O filme homônimo não foi autorizado pelo governo Afegão para ser exibido no local. O motivo da proibição não nos parece tão óbvio inicialmente, pois podemos considerar a história como uma inocente e comovente narrativa que envolve a amizade e lealdade entre dois meninos. No entanto, a partir de uma perspectiva Pós-colonial e de observações como a de Walter Benjamin (1986) ao pensar no papel da arte no período pós-guerra, percebe-se que: “A arte assume agora o papel de domesticadora dos indivíduos para a vida numa sociedade onde o choque se tornou parte do dia a dia” (SELIGMANN, 2005, p 43). É possível pensar no papel da arte destacando seu caráter manipulador no que tange à elaboração de uma experiência traumática.

A obra em questão atrai e mobiliza o(a) leitor(a), através de uma série de binarismos associativos. Metonimicamente, enaltece a imagem de uma etnia sendo subjugada pela outra como um ato “normal” de sacrifício necessário. Ocorre uma suposta aceitação no universo ficcional da relação hegeliana entre *senhor* e *servo*, em que a etnia *Pashtun* tem poder sobre a *Hazara*, em que o menino pobre sacrifica seu corpo em prol do menino rico. Um é o filho legítimo e o outro é o bastardo. Amir é criticado por ser semelhante à mãe e Hassan é invejado por ter a força e a coragem do pai de Amir. A bravura de Hassan, motivo da inveja de Amir, será o pomo da discórdia e disputa entre os meninos. Será punida com violência e exclusão social. Uma série de estereótipos previamente difundidos pela mídia são ratificados na obra de modo tocante, embora ela tenha evidentemente o objetivo de apresentar uma versão legítima do *outro* oriental ao leitor ocidental, tendo em vista que o autor é proveniente do Oriente Médio. Questiona-se, nesse contexto, de quem é o foco narrativo e quais são os efeitos das soluções narrativas apresentadas.

Os personagens principais, Amir e Hassan, estão submetidos a um rigoroso sistema de oposições binárias e maniqueístas que permeia a narrativa e metonimicamente projeta oposições essencialistas de classe, etnia e gênero. A narrativa gira em torno da afirmação: “*There is a way to be good again*”² (HOSSEINI, 2003, p. 95). O referido enunciado sugere a possibilidade de superação de um estado ou de uma situação que coloca o protagonista na posição de quem almeja tornar-se “bom”. Isso

² Tradução: “Há um modo de ser bom novamente” (HOSSEINI, 2003, p.95).

pressupõe que há nele uma identificação com o mal, exatamente a ideia que estava sendo transmitida pela mídia em relação ao Oriente Médio.

Publicado logo após o Onze de Setembro de 2001, os principais acontecimentos do romance remetem a um período anterior ao evento. Apenas no último capítulo, há uma referência explícita à destruição das torres. O fato é mencionado como uma oportunidade para que Amir e sua esposa Soraya possam desenvolver projetos para o Afeganistão. Há uma aparente neutralidade em relação ao ocorrido, já que o protagonista menciona que, em sua casa, na Califórnia, nos Estados Unidos, o ano de 2001 terminara exatamente com o mesmo silêncio do ano anterior (HOSSEINI, 2003, p. 357).

Ao refletir sobre a recepção da obra nos Estados Unidos e em tantos outros países ocidentais, observa-se que o romance mobiliza o trauma do(a) leitor(a) que aprendeu com a mídia e com o presidente americano da época a projetar o outro oriental (Oriente Médio) como o inimigo da nação. Ao provocar o imaginário desse(a) leitor(a), apresenta uma solução narrativa para retomar a imagem propagada do Oriente Médio. A proposta implica em sensibilizar o(a) leitor(a) ocidental a respeito do sujeito oriental, cindindo-o: de um lado está a ratificação da imagem de monstro, como no caso de Assef, e de outro está a imagem do subalterno, daquele que necessita ser salvo pelo e para o Ocidente. O subalterno também aparece dividido entre o que está plenamente disposto a entregar seu corpo em sacrifício e aquele destinado ao “privilégio” de tornar-se americano, enterrando o passado.

Assimetria de poder: Hassan e Amir

O romance de formação do protagonista tem, portanto, como público-alvo prioritário o(a) leitor(a) adolescente e ocidental. Apresenta estratégias narrativas que promovem empatia especialmente em relação ao próprio protagonista Amir que domina a focalização da obra. O modelo patriarcal permeia a narrativa. Para que Amir torne-se um homem e um pai, ele necessita superar um trauma de infância e internalizar as características que admira em Hassan. A força, a coragem, a lealdade e a capacidade de ação são características almejadas. A total subjugação de Hassan em relação a Amir lembram o romance epistolar de Daniel Defoe, publicado originalmente no Reino Unido, chamado de *Robinson Crusoe* (1719), em que o protagonista, náufrago em uma ilha tropical, encontra o auxílio e a subjugação do nativo chamado de Sexta-Feira. O

papel sacrificial de Hassan e, posteriormente, o de seu filho remetem à imagem de um povo afegão pobre e oprimido que necessita de resgate.

A narrativa descreve Amir como *Pashtun*, o que remete à etnia majoritária no Afeganistão, e Sunni, principal vertente da religião Islâmica no país. É o filho do patrão, o rico comerciante chamado de *Baba*. Pertence a uma família aristocrática que vive em Cabul. Sua mãe descrita como uma mulher culta e honrada morreu no parto, fato que gera em Amir um sentimento de culpa. A inveja e a culpa são os dois sentimentos que atormentam a vida e a mente de Amir. Cresce solitário, adepto à leitura e escrita de contos. É por isso constantemente criticado pelo pai que acredita que seus hábitos, associados ao universo feminino, na obra, são motivo de vergonha. O pai acredita que o filho deveria gostar de esportes de ação, práticas descritas como comuns para o gosto dos meninos. Amir aparenta estar muito ligado à falta que sente de sua mãe. Essa falta tenta ser preenchida por Hassan que também perdera a própria mãe muito cedo, pouco tempo depois de nascer, pois ela, aparentemente, abandonara-o.

O companheiro de infância, Hassan, da etnia *Hazara* e xiita, vertente minoritária da religião Islâmica no Afeganistão, é supostamente o filho do empregado Ali. Posteriormente na narrativa, descobre-se que é filho ilegítimo do pai de Amir. É iletrado e admirador de Amir. É comparado a um cão fiel, ao cordeiro entregue ao sacrifício. É estuprado, humilhado e massacrado.

Apesar de sua bravura, sua condição de inferior é constantemente destacada na narrativa. Suas características físicas estão associadas ao povo Mongol que no passado ocupara parte das terras do Afeganistão, o que trouxe conflito com as etnias já existentes no local. Há uma repetitiva ênfase em seu nariz achatado, olhos pequenos e lábios leporinos, com destaque para a cirurgia de “correção” paga por *Baba*. A questão estética aparece associada ao estigma negativo de uma etnia, pois as características elencadas são retratadas como motivo de chacota na narrativa. Os espaços ocupados pelos *Hazara* denotam seu lugar social, pois restringem-se aos reservados aos serventes. Após a fuga de Amir e de seu pai para a América e a pedido do amigo da família chamado Rahim Khan, Ali retorna com Hassan para cuidar da propriedade de *Baba* em Cabul, apesar de ter sido anteriormente expulso dessa propriedade, pois seu filho fora acusado injustamente de roubo. Não há rebeldia em relação à hierarquia. Não há sequer a intenção de provar a verdade em relação a injustiças. Há uma subjugação

calada e passiva por parte de Ali e Hassan. Posteriormente, também em Sohrab, filho de Hassan, após tentar o suicídio ao imaginar que permanecerá no Afeganistão, pois as leis do país, conforme a obra, dificultam a sua migração para outro país pois há a necessidade de provar que seus pais estão mortos. A narrativa destaca o seu olhar perdido e o seu silêncio. Tenta morrer em silêncio, o que remete ao famoso texto de Gayatri Spivak: *Pode o Subalterno Falar?* (2010). É o grito desesperado de Amir que ecoa para conseguir ajuda e salvá-lo da morte. Amir, quando consegue levá-lo para a América, será seu pai, o que também reestabelece uma hierarquia.

A relação assimétrica de poder entre os personagens é enfatizada na obra e marca o compasso da narrativa. Na infância, entre os dois meninos, Amir e Hassan, é crescente e comovente: um tudo perde para que o outro tudo ganhe. Porém, o trauma de Amir é o foco da narrativa, mantendo Hassan em sua condição subserviente. No texto, os *Hazaras*, descendentes dos Mongóis, foram segregados, massacrados pelo Taliban, o que remete a um acontecimento extradiagético ocorrido em 1998³ e mencionado na narrativa. Aos *Hazara* são destinados os trabalhos manuais. São descritos como minoria étnica, dóciles, fiéis, bons e simples, quase como animais domésticos, perfeitos subalternos, prontos para se sacrificarem pelos seus patrões. Segundo Edward Said, em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, a forma como o povo oriental é apresentado é “[...] um convite para que o Ocidente controle, contenha e de outras maneiras governe [...] o Outro” (1978, p. 83).

Outrossim, o romance associa determinadas características que colocam a mulher em uma condição de subjugação. Quando Amir adulto não consegue ter filhos com sua esposa Soraya, projeta seu vazio existencial no útero vazio de Soraya (HOSSEINI, 2003, p. 191), um vazio que se instala entre eles. A ausência de um filho no casamento é uma falta no corpo da mulher. Nesse sentido, Edward Said afirma: “O Orientalismo latente também encorajava uma concepção peculiarmente masculina do mundo (1978, p. 281). Baseado em uma narrativa orientalista, promove a busca

³Fonte: https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1998/11/28/taliban-massacre-based-on-ethnicity/efe15f81-abed-4e57-96f1-046cc59d1d48/?utm_term=.b3d7cbb8f281 Acesso em: 10 de mar. de 2018.

idealizada da construção de uma identidade de gênero masculina, em oposição à feminina, baseada nas características do pai *Pashtun*, modelo patriarcal. O objetivo da narrativa é “construir” um Amir afegão, homem, herói, pai e também americano.

Na infância, Hassan defendia Amir e, por diversas vezes, fora descrito como bravo e valente. Em contraponto, Amir sentia-se protegido e ao mesmo tempo acovardado. Ser protetor é um papel vinculado à construção de uma masculinidade idealizada e almejada por Amir. Ao ser descrito como incapaz de proteger Hassan, Amir falha na sua projeção idealizada e projeta a superação de sua passividade como necessária. No contexto patriarcal, para tornar-se um homem, ele tem a tarefa de suprimir sua falha e atingir o estereótipo do gênero masculino numa estrutura binária. Simbolicamente, para ter o direito de ser pai e livrar-se do trauma de infância, ele necessita incorporar a *bravura* de seu pai e a de Hassan, superando-os.

As mulheres descritas na narrativa limitam-se a exercer funções sociais vinculadas à maternidade e à manutenção da honra de suas famílias. A mãe de Hassan é descrita como imoral, enquanto a de Amir é pura. O binarismo da mulher honrada em oposição à mulher desonesta está paralelamente associado a polaridades entre etnias projetadas com distintas forças sociais: *Pashtun* versus *Hazara*, tendo em vista que a mãe de Amir é *Pashtun* e a de Hassan é *Hazara*.

Conclusão

Na obra, temos a presença de conflitos étnicos no Afeganistão que colocam o protagonista Amir na posição do privilegiado filho de Baba, proveniente da etnia majoritária *Pashtun*, enquanto Hassan pertence a uma etnia desvalorizada chamada *Hazara* que foi vítima de um massacre em 1998. A relação de amizade entre eles é ambivalente, pois Amir é o filho do patrão, enquanto Hassan é o servo. No entanto, as atitudes de valentia de Hassan são altamente valorizadas pelo pai de Amir, o que estabelece uma relação de disputa e conflito entre os meninos. Hassan sacrifica-se sendo estuprado por Assef- também um *Pashtun*, que defende o massacre e a necessidade de uma limpeza étnica no Afeganistão. O sacrifício de Hassan tem um propósito: que Amir consiga vencer o campeonato de pipas e ser admirado pelo pai. Porém, a bravura de Hassan aumenta o desconforto de Amir, que encontra um meio de desmoralizar e afastá-lo de seu convívio. Devido à invasão soviética, Amir e seu pai migram para os Estados Unidos.

A passividade de Amir frente ao estupro de Hassan marca sua vida como um defeito em seu caráter que ele precisa corrigir. Para tanto, ele parte em uma missão de resgate no Afeganistão, pois Sohrab, filho de Hassan, está nas mãos do Taliban, grupo apresentado como terrorista e desumano. Há o “bom” oriental e o “mau” oriental, sendo que a projeção de ambos atende aos interesses políticos hegemônicos americanos de intervenção dos Estados Unidos no Oriente Médio. Nesse contexto, o teórico pós-colonial Edward Said (1978) indica que a forma como chega até nós a crença do quem vem a ser o Oriente é uma invenção cultural e política do Ocidente que coloca determinadas civilizações na condição de inferiores, exóticas, estáticas e primitivas.

Essa dicotomia também pode ser observada em relação ao sistema patriarcal no romance que determina a valorização de determinadas características de masculinidade em detrimento de características tidas como femininas. Há um processo de transformação do menino afegão que era uma criança frágil, que prefere ler e escrever literatura ao invés de envolver-se em conflitos com outros meninos. Ao tornar-se um adulto nos Estados Unidos tem também o objetivo de ser pai. Para assumir esse papel, investe na empreitada de desafiar Assef, vinculado ao Taliban. A violência que seu corpo enfrenta é descrita como libertadora pois é consequência de sua ação de enfrentamento, de vencer a passividade.

A experiência da diáspora presente na obra possibilita a reflexão e o redimensionamento de posições identitárias que envolvem práticas culturais e projeções de sentido através da criação imagética dos personagens na narrativa. Há um desejo de solidariedade social que pede pelos encontros, pela visibilidade, pela irrupção de outros significantes. O presente artigo ecoa um desejo pós-colonial de desenterrar as memórias, inclusive as de Hassan. Há uma necessidade de desconfiar de registros sexistas e preconceituosos que são descritos como verdades. No exemplo, a seguir, temos a fala do pai de Amir: “There are only three real men in this world, Amir: [...] America, the brave savior, Britain, and Israel. The rest of them [...] they are like gossiping old women”⁴ (HOSSEINI, 2003, p. 63).

Segundo Chomsky, “[...] repetidas intervenções ocidentais no Oriente Médio e na África exacerbaram tensões, conflitos e distúrbios que despedaçaram as sociedades. O

⁴ Tradução: Há apenas três povos nesse mundo que são homens de verdade, Amir: [...] os americanos, bravos salvadores, os britânicos e os israelenses. O resto deles [...]: são como velhotas fofocando. (HOSSEINI, 2003, p. 63).

resultado é uma crise de refugiados” (2017, p. 317). A vitimização silenciosa de Hassan e Sohrab, e a supremacia étnica de Amir são ratificados nos texto visivelmente voltado para um público ocidental curioso para imaginar o que se passa em países tidos como altamente bélicos, dos quais tantas pessoas tentam desesperadamente sair. A propaganda ideológica observada na construção imagética dos personagens retoma a dialética do senhor e escravo e ratifica um posicionamento político de necessidade de intervenção no Oriente, já tão marcado por traumas em narrativas diaspóricas.

Referências

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

COOPER, Keneth J. Taliban massacre based on ethnicity. *The Washington Post*, Washington D.C, 28 de novembro de 1998. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1998/11/28/taliban-massacre-based-on-ethnicity/efe15f81-abad-4e57-96f1-046cc59d1d48/?utm_term=.b3d7cbb8f281
Acesso em: 10 de mar. de 2018.

CHOMSKY, Noam. *Quem manda no mundo?* Tradução: Renato Marques. São Paulo: Planete, 2017.

HOSSEINI, Khaled. *The Kite Runner*. New York: Riverhead Book, 2003.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad.: Tomás Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

SELIGMANN- Silva, Márcio. *O local da Diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.